



INÊS HENRIQUES
A INVESTIGADORA DE
REALITY COMPUTING
ACREDITA NUM MUNDO
DE OBJECTOS COMUNI-
CANTES

MULHER
VALORES

Talentos para a próxima década

São mulheres que vão dar cartas nas suas áreas, na próxima década. Apostamos nelas.

TEXTOS DE ANA SOROMENHO E KATYA DELIMBEUF

FOTOGRAFIAS DE LUIZ CARVALHO

Inês Henriques, 34 anos Novas Tecnologias

QUANDO Inês Henriques descreve o seu trabalho é um mundo de ficção científica que nos surge de imediato. A sua matéria de investigação são as superfícies interactivas. “Imagine passar a mão pelo tecido de um sofá e ele mudar a cor ou indicar-nos a postura mais correcta. Ou sairmos de casa com um ambiente decorativo e à noite termos outro ou mesmo vestir uma *T-shirt* que reage aos sentimentos através de batidas cardíacas”. Eis-nos num mundo dos objectos comunicantes com vida própria. No momento em que o descreve, Inês já está no futuro. A partir de Maio será a vice-presidente para a Investigação e o Desenvolvimento Avançados das superfícies interactivas na empresa YDreams. Gere uma equipa de seis pessoas

(química, engenharia dos materiais, engenharia electrotécnica e design) que trabalham em laboratório num processo que permitirá desenvolver todo o tipo de comunicação em matérias tão diferentes como madeira, têxteis, plástico, vidro ou papel. “Isto consegue-se desenvolvendo tintas funcionais com substâncias que na sua composição mudam consoante o estímulo que recebem”, explica a investigadora.

Inês licenciou-se em engenharia do Ambiente e fez um doutoramento nos Estados Unidos. A interactividade foi um acaso, o desafio que a fez mudar de ramo científico: “Tinha um convite para seguir a carreira académica no Imperial College de Londres. Voltar para Portugal foi decisão emocional com dois pesos: família e mudança”, afirma a mulher que confia num mundo de objectos inteligentes. E não poderemos sufocar com tanto som, luz e movimento? “O controlo é sempre nosso. Basta carregar no botão *off*”.

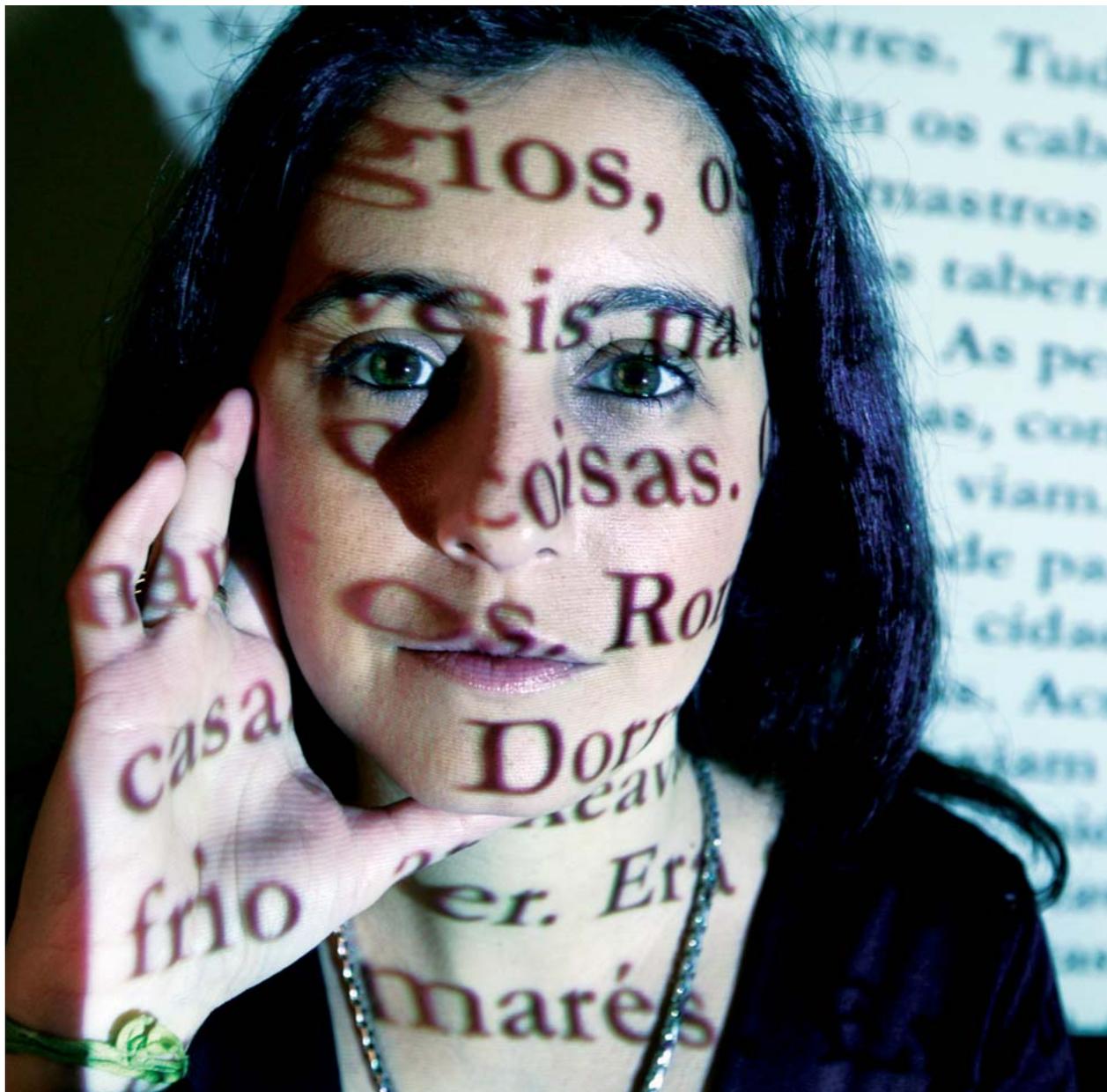
Filipa Leal, 30 anos Literatura

NASCEU no Porto, numa casa no centro da cidade que tinha um enorme armário, refúgio de brincadeiras secretas. Aos onze anos disse: “Quero ser escritora”. A poesia já estava lá, ocupando o espaço do silêncio. Escrever poemas significa “ir ao mais profundo e à superfície de nós próprios”, diz. “Apesar de a poesia ser um lugar cheio de artifícios, é onde me sinto com maior exactidão. Pego no meu real, desdobro-o e alargo para o

campo da imaginação”. O processo começa assim: “Deixo-me habitar pelas palavras e pelas imagens, o poema só acontece muito depois”. Desde 2005 já publicou cinco livros, entre eles “Cidade Líquida e A Inexistência de Eva”, na editora Deriva, um livro de contos, “Lua Polaroid”. Em breve, vai trabalhar com uma editora espanhola.

Entretanto, construiu uma casa de alicerces sólidos para as suas palavras. Escreve coisas como esta: “A melancolia é uma questão de tempo, disse-me o homem. Era um homem que existia, normal como os que existem.” Entre os 18 e os 21 anos, cursou jornalismo em Londres. Fez um mestrado em literatu-

ra portuguesa e brasileira. Agora, que vive em Lisboa, é jornalista no “Diário Câmara Clara”, na RTP2, faz resenhas de livros em revistas, participa em numerosos recitais de poesia... A escrita escasseia-lhe na voragem do tempo. “Os meus dias são acordar, fazer 50 coisas necessárias e pelo caminho tentar uma vida pessoal. O livro é sempre o último pendente”. E a condição de poeta à procura do seu lugar? Filipa prefere contar uma história. “Num encontro de escritores em Zagrebe, tínhamos de descrever o nosso quotidiano. Uma finlandesa começou: acordo, vou à varanda, faço um chá, leio o jornal, volto à varanda... Nós, os outros, desatámo-nos a rir.”



POETA FILIPA LEAL, 30 ANOS, JÁ PUBLICOU CINCO LIVROS DE POESIA E UM DE CONTOS. TRABALHA COMO JORNALISTA NA TELEVISÃO E PARA REVISTAS: “EM PORTUGAL NÃO HÁ SUBSÍDIOS PARA VIVER DA ESCRITA”



AOS 19 ANOS, FEZ QUASE TUDO NO MUNDO DA MODA. SONHOS? "SER FOTOGRAFADA POR MÁRIO TESTINO. DESFILAR PARA A DOLCE & GABBANA, PARA A VICTORIA SECRET... E SER CAPA DA 'VOGUE INTERNACIONAL'"

Jani, 19 anos Moda

JANI não é nome artístico. Aos 19 anos, esta loura de 1,78 m e 55 kg nascida no Algarve já fez quase tudo no mundo da moda. Conta cinco anos de profissão, desde que, aos 14, ganhou o Elite Model Look of the Year e se tornou a primeira portuguesa entre as 15 finalistas no concurso internacional. Seguiu-se o trabalho fora de portas — editoriais em revistas de moda, *passerelle*, etc... Em Paris, desfilou para a Semana da Moda, fez Alta Costura, um editorial

para a revista "Madame Figaro", um catálogo de moda para a Alemanha... "Tive dias de 12 *castings*, de andar de mapa na mão a entrar e sair do metro em pontos opostos da cidade, para chegar e deparar-me com uma fila enorme de raparigas lindas...", conta. "Aí, é fundamental a confiança, para se conseguir ouvir muitos não e seguir como se não se tivesse ouvido nenhum". A algarvia ainda se lembra de como tudo começou. Uns colegas inscreveram-na num *casting* na escola, num dia em que ela ficou doente. Acabou por nem aparecer. Ser modelo nunca foi um sonho. Depois, lá se inscreveu na Internet e ganhou as etapas todas, apesar de ser a menos empenhada. No estrangeiro, tornou-se complicado conciliar

carreira e escola — por isso, voltou. Cá, desfilou para todos os criadores nacionais, participou em todas as Moda Lisboa e Portugal Fashion, foi fotografada para as principais revistas. Actualmente, é o rosto da campanha do novo perfume de Ana Salazar e da marca de roupa Quebramar. É uma rapariga simples. O que mais gosta de fazer no tempo livre é dormir. "Muito", garante. Ao contrário de todos os estereótipos das manequins, assume que não faz desporto — e adora comer. "A feijoada da minha avó, carne de porco à alentejana, bitoques... Batata frita é todos os dias!". A completar o 12º ano, o futuro augura-lhe tudo de bom, se possível lá fora. Mas ela prefere "viver um dia de cada vez".

A EMBAIXADA COMO COLECTIVO SOFIA E CRISTINA SÃO CINCO DOS SETE ELEMENTOS DE UM COLECTIVO: EMBAIXADA S.A. ARQUITECTURA, ONDE A AUTORIA NÃO CONTA E A VAIDADE NÃO EXISTE



Sofia Antunes e Cristina Mendonça, 32 anos Arquitectura

PENSAR espaços, projectar lugares aprazíveis, desenhar bocados de cidade. Arquitectura é modo de vida e profissão a tempo inteiro. Talvez por isso, ainda seja um ofício maioritariamente masculino: “por ser tão difícil conciliar com tudo o resto”. Quem o diz são duas jovens arquitectas, Cristina e Sofia, os elementos femininos do colectivo Embaixada SA. Ao todo são

sete — Albuquerque Goinhas, Augusto Marcelino, Cristina Mendonça, Luís Baptista, Nuno Griff, Sofia Antunes. Os Embaixada têm um modo de trabalhar próprio: aqui não há hierarquias. É na força, na criatividade e no debate de ideias que retiram a assinatura para os seus projectos. E, num tempo em que o individual é a regra e o arquitecto o grande protagonista, não é nada evidente este *modus operandi*. “Interessa-me a partilha e o resultado do corpo colectivo. A autoria individual não é importante. Acredito que o trabalho fala por si e que a arquitectura é um exercício de liberdade”, afirma Cristina, a mais faladora.

Os sete conheceram-se na Universidade

Lusíada de Lisboa e, ainda na escola, começaram a trabalhar juntos. Mal terminaram o curso, em 2001, abriram o ateliê numa casa pombalina, perto da Rua de São Paulo. Nove anos depois têm já um extenso currículo em concursos em que participaram (nacionais e internacionais), alguns prémios ganhos e obra feita, como o Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Tomar ou o projecto de um complexo turístico, “Niang ou Wharf”, no Tibete.

Olhando para os projectos que elaboram, podemos observar que nos trabalhos do Embaixada há um rasgo e desenho únicos. Lugares que se impõem por um traço de contrastes de delicadeza e força — e que nos apetece conhecer e experimentar.

Marta Alberto, 32 anos Empresariado

QUEM a vê, de vestidinho curto, não repara na mulher por trás da menina. Mas Marta Alberto, 32 anos, cria empresas desde os 17. O empreendedorismo corre-lhe nas veias. Trabalha 12 horas por dia para que a Masterblank e a Masterblock produzam e vendam cada vez mais pranchas de surf e isolamentos térmico e acústico. No ano passado, recebeu da Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE) o Prémio de Jovem Empreendedora. E pensar que a ideia nasceu do facto de o namorado e sócio, João, ser surfista...

“Em Portugal, não havia empresas de *blanks* (o recheio das pranchas), e na Europa só há duas”, explica. Esse facto, a juntar ao de haver cada vez mais sur-

fistas e *shapers* em Portugal, levaram-nos a identificar a oportunidade de negócio. O pólo de inovação em Engenharia de Polímeros da Universidade do Minho foi o parceiro para encontrar a fórmula certa. “Isto parece um bloco de esferovite, mas tem uma série de particularidades”, aponta. “A nossa mais-valia é o processo produtivo. Fazemos *blanks* à medida do que os *shapers* pedem, ao invés das soluções por catálogo”.

Aos 17 anos, a meio do curso de Gestão, fundou com dois amigos uma empresa de páginas web. Depois, juntou-lhe seis anos de experiência internacional, quando no 3º ano do curso fez um Masters tripartido entre Oxford, Madrid e Paris. Trabalhou no ateliê de Vivienne Westwood e, em Paris, entrou para a L’Oréal, onde esteve cinco anos. Se tivesse que dizer de onde lhe vem a motivação, falaria nos pais. “Olho para eles hoje, vejo duas pessoas de sucesso e penso: ‘Quero ser assim’”.



EMPREENDEDOORA
NATA AQUI, NA ESTUFA DA SUA FÁBRICA, EM CIMA DE BLOCOS DE POLIURETANO RÍGIDO PARA PRANCHAS DE SURF E ISOLAMENTO



EM SÃO PAULO, ONDE VIVEU SEIS MESES, SOFIA DESCOBRIU, SOZINHA, PELA PRIMEIRA VEZ, “OUTRAS FORMAS DE SER E DE ESTAR”

Sofia Dinger, 26 anos Representação

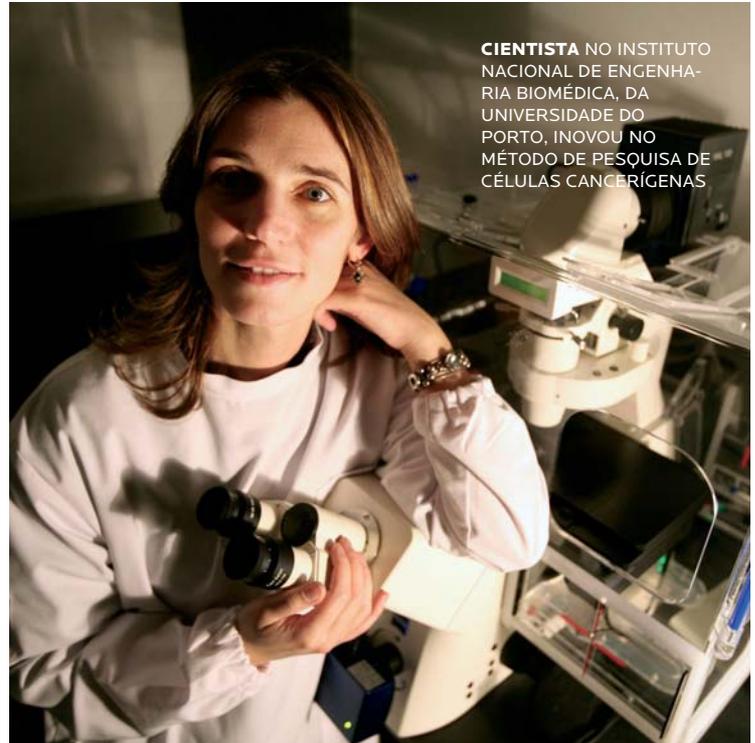
NA voz dengosa, de menina de 26 anos, na gargalhada solta, Sofia ostenta toda a sua juventude. No entanto, há quem veja nela um talento da próxima geração. Sofia tem noção do estado embrionário da (ainda) curta carreira. “Sou um esboço de mim mesma”, um projecto em crescimento, assume. Ser actriz tão-pouco foi uma revelação, antes “uma procura do que fazia sentido”. “Duvidei muito até chegar aqui. Mas esse é o meu processo: vou vendo o meu potencial — e duvidando”. Sofia Dinger chamou a atenção no último filme de Joaquim Leitão, “A Esperança Está Onde Menos se Espera” (2008), no qual aparece num papel secundário, como caixa de supermercado. A expe-

riência, a primeira no cinema, foi muito diferente de tudo o que tinha feito. “Um dia de filmagens, em vez dos quatro meses de ensaios a que estava habituada”. Participou ainda em duas curtas-metragens, mas é do palco que Sofia mais tem experiência. Sete peças, de autores como Dinis Machado ou Diogo Infante, da Casa Conveniente à sala-estúdio do Teatro Nacional D. Maria II, permitiram-lhe tactear o seu percurso. “O mais importante como actor é entrar numa zona de comunicação íntima com o espectador, que o faça viver algo nesse momento”. Em S. Paulo, onde viveu seis meses sozinha, passou por uma experiência intensa. “No primeiro mês e meio, chorei todos os dias”, conta. Aprendeu que “é necessário aceitar os terrenos instáveis, o vaivém do que pensamos conquistar ou perder”. Mesmo assim, repetiria a experiência. “Resistir é um bom verbo para quem quer ser actor”.

Maria José Oliveira, 35 anos Ciências

“FASCINA-VA-ME a possibilidade da descoberta. Ser a pessoa que pela primeira vez, percebe um fenómeno”. Este desejo fez com que Maria José, bióloga, escolhesse o trabalho de laboratório para desenvolver a sua investigação sobre o processo de invasão de células cancerígenas, depois de fazer o doutoramento em Ciências Médicas na Universidade de Ghent, na Bélgica. “Se conseguirmos perceber o papel das células no processo de invasão das células cancerígenas, poderemos desenvolver terapias mais eficazes no combate da doença”, explica a cientista, enquanto desenha rapidamente o esquema do complexo movimento de uma célula cancerígena e o

processo de evasão para outros órgãos do corpo. É neste trajecto que aparecem as metástases. Esse desejo da descoberta, já o realizou. “Pela primeira vez em laboratório, misturámos células cancerígenas humanas (geralmente utilizam-se de animais) com células de sangue de dados saudáveis e verificámos que existem bactérias específicas no nosso organismo que estimulam a invasão”. Este modelo de trabalho em laboratório valeu-lhe a Medalha de Honra L’Oréal para as Mulheres na Ciência em 2009 e um prémio de 20 mil euros, cujo financiamento permitiu apoiar o seu trabalho de pesquisa. “O que realmente me dá prazer é vestir a bata e passar os dias a olhar uma célula ao microscópio. É aqui que a vida acontece”. Mas o que a move é a cura. Quando lhe chega uma amostra às mãos, tem sempre presente: “Que é uma vida em sofrimento que está ali, naquela minúscula parte de tecido”.



CIENTISTA NO INSTITUTO NACIONAL DE ENGENHARIA BIOMÉDICA, DA UNIVERSIDADE DO PORTO, INOVOU NO MÉTODO DE PESQUISA DE CÉLULAS CANCERÍGENAS



À PORTA DA KUNSTHAL-LE LISSABON, ONDE EXPÕE ATÉ 10 DE ABRIL. DEPOIS, REGRESSA A LONDRES, À SUA RESIDÊNCIA DE ARTISTAS

Carla Filipe, 36 anos Artes plásticas

VIVE em Londres, numa residência de artistas, a ACME Studios, onde se ocupa de um projecto comparativo entre os caminhos-de-ferro portugueses e os do Reino Unido. “Precisava de sair, ainda que temporariamente, de Portugal — um país em depressão que parecia querer afundar-me com ele”, confessa. Aos 36 anos, esta artista contemporânea, bolsista da Gulbenkian, trabalha com vários suportes. “Normalmente recorro ao *videoperformance*, mas também ao desenho, à escultura, conforme o contexto. Na minha prática artística, trabalho a impaciência, a intolerância e a identidade”. É isso o que interessa a esta mulher, licenciada e mestrada pela Faculdade de

Belas-Artes do Porto, em Artes Plásticas (Escultura) e Práticas Artísticas Contemporâneas. Partilha “a desilusão” que foi o curso, “o retrocesso, especialmente nas cadeiras práticas”. “Na altura perdi quase por completo o interesse pelo processo de criação”, conta. “Só no fim da licenciatura comecei a descobrir e a desenvolver o meu trabalho. Foi um caminho longo, teve o seu tempo”. A faculdade serviu, contudo, um propósito importante: conhecer as pessoas com quem Carla cresceu “na fase pós-faculdade”. “Iniciei-me no contexto independente do Porto — tive dois espaços, o “Salão Olímpico”, de 2003 a 2005, e “Apêndice”. Estes lugares vivem da energia colectiva dos artistas e amigos da cidade. É graças a eles que a cultura sobrevive em Portugal, considera. “Quero fazer o meu trabalho, mas quero olhar para o lado e ver trabalho de outros. Não quero ver artistas com energia forçados a aposentarem-se”.